Opinião Socialista

Ano XI - Edição 306 - Colaboração: R$ 2 - De 19 a 25/07/2007 - www.pstu.org.br

PAN: UMA VAIA EM NOME DE TODOS NÓS!

Páginas centrais

Campanha pela reestatização da Vale começa ganhar às ruas

Página 5

Uma polêmica sobre o fechamento da RCTV

Página 8

O que está por trás dos enfrentamentos na Palestina?

Páginas 10, 11 e 12

EXECUÇÃO I - A polícia do Rio mata 41 civis para cada policial morto. A proporção é o quádruplo da média internacional, segundo estudo da Universidade de Nova York.

EXECUÇÃO II – Até abril de 2007, 11 policiais morreram, contra 449 supostos criminosos que mortos por agentes em ações registradas como "autos de resistência".

QUEM MANDA

Um levantamento realizado pelo jornal Folha de S.Paulo, junto à Receita Federal e com uma das consultorias mais importantes do mundo, mos tra que o Brasil tem 130 mil milionários. Segundo o estudo, a fortuna dos milionários brasileiros - os mais ricos da América Latina – é estimada em US$ 573 bilhões, ou seja, mais da metade do Produto Interno Bruto nacional. O levantamento mostra ainda que entre 2000 e 2005 o país saltou da 18ª posição para a 14ª no ranking dos países com mais milionários.

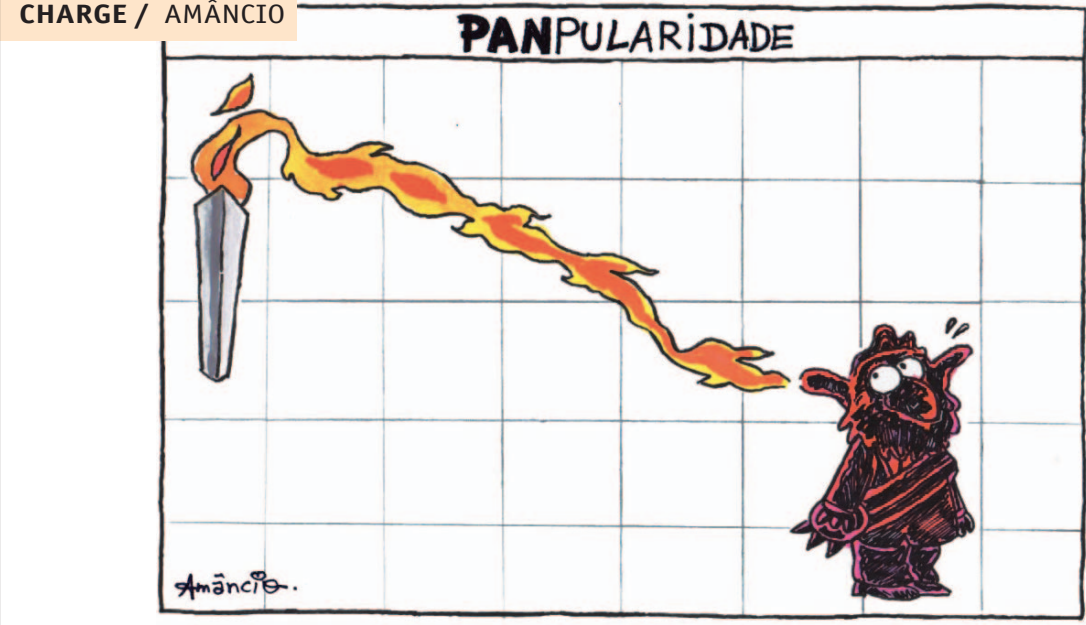
CHARGE / AMÂNCIO

PÉROLA

"A polícia não está diante de nenhuma pessoa santa"

LULA, apoiando novamente a matança promovida por policiais no Complexo do Alemão, que resultou em 19 mortes em um só dia. (*O Globo, 15/07*)

GENOCÍDIO

Entidades dos movimentos sociais estão denunciando o "genocídio silencioso" que vem acontecendo em aldeias indígenas em Mato Grosso do Sul. Desde o início do ano 21 índios morreram de forma violenta. As mortes teriam ligação direta e indireta com a questão fundiária. "A situação dos índios é de insustentável confinamento, que agrava conflitos internos", disse Egon Heck, do Conselho Indigenista Missionário (Cimi). A última morte ocorrida foi a de Ortiz Lopes, de 46 anos, líder indígena kaiowá-guarani, no dia 8 de julho.

CORRUPÇÃO NA PETROBRAS

Um novo escândalo de corrupção está vindo à tona no governo Lula. O caso atinge a Petrobras e também envolve a Iesa, empresa doadora de dinheiro para a campanha de Lula. Empresários, funcionários e até policiais estavam envolvidos nas fraudes, que consistiam em direcionar as licitações para um conjunto de empresas. Foram presas até agora 14 pessoas. Diretores da Petrobras repassariam informações privilegiadas à Angraporto Offshore, o que favorecia o estaleiro Mauá Jurong e a empresa de engenharia Iesa Óleo e Gás. A Iesa foi financiadora de Lula nas eleições de 2006, doando cerca de R$ 1,5 milhão à campanha do PT.

QUEBRANDO A CARA

No momento em que uma das vaias surpreendeu Lula, a comentarista esportiva da ESPN Brasil Soninha, vereadora do PT em São Paulo, tentou minimizar: "É uma vaia de umas cinco mil pessoas". A petista se encontrava dentro do estúdio da emissora em São Paulo. O âncora do programa, José Trajano, que transmitia direto do Maracanã, corrigiu: "Não, Soninha. É o estádio inteiro".

NOVA MODA

No dia seguinte às enormes vaias que Lula recebeu em pleno Maracanã lotado, na abertura do Pan, era possível ver em Copacabana algumas pessoas de camiseta branca onde se lia nas costas: "Pan - Rio - 2007". E na frente: "Eu vaiei Lula". Se a moda pega...

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva, Yara Fernandes **DIAGRAMAÇÃO** Carol Rodrigues **REVISÃO** Marisa Carvalho **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 5581-5576 *assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas*

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua Dias Cabral, 159. 1º andar - sala 102 - Centro - (82)9903.1709
maceio@pstu.org.br

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil)
(96) 3224.3499 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093
manaus@pstu.org.br

BAHIA

SALVADOR - Rua da Ajuda, 88, Sala 301 Centro (71) 3321-5157
salvador@pstu.org.br
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Av. Lauro de Freitas, 282 Centro
VITÓRIA DA CONQUISTA
Avenida Caetité, 1831 - Bairro Brasil

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
CENTRO -Av. Carapinima, 1700, Benfica (82) 254-4727
MARACANAÚ -Rua 1, 229 - Conjunto Jereissati 1
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul (SDS)-CONIC - Edifício Venâncio V, subsolo, sala 28 Asa Sul - (61) 3321-0216
brasilia@pstu.org.br

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência)
(62) 3224-0616 / 8442-6126
goiania@pstu.org.br

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550
saoluis@pstu.org.br

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921
Vila Planalto (67) 384-0144
campogrande@pstu.org.br

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629
uberaba@pstu.org.br
UBERLÂNDIA - R. Ipiranga, 62 - Cazeca

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Tv. do Vileta, 2519 - (91) 3226-3377
ICOARACI - R. Pe. Júlio Maria, 403/1 (91) 227-8869 / 247-7058
CAMETÁ - Tv. Maxparijós, 1195, B. Novo
RONDON DO PARÁ - R. Ayrton Senna, 147 (94) 326-3004
SÃO FRANCISCO DO PARÁ - Rod. PA-320, s/nº (ao lado da Câmara) (91) 96172944

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 -
joaopessoa@pstu.org.br

PARANÁ

CURITIBA - R. Alfredo Buffren, 29 sala 4

PERNAMBUCO

RECIFE - Rua Leão Coroado, 20 - Boa Vista - (81) 3222-2549

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br*
(21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro *novaiguacu@pstu.org.br*
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE
sulfluminense@pstu.org.br
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301 - Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE
MACAÉ - Rua Teixeira de Gouveia, 1766 (fundos) (22) 2777.3151
nortefluminense@pstu.org.br

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho, 70 (84) 201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16 Centro Comercial do Panatis II
CURRAIS NOVOS - Rua Candido Mendes, 150, Centro

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
ALVORADA - Rua Jovelino de Souza, 233, Parada 46 (51) 9284-8807
BAGÉ - (53) 8402-6689 / 3241-7718
PASSO FUNDO - (54) 9993-7180
RIO GRANDE - (53) 9977-0097
SANTA MARIA - (55) 84061675 / 3223-3807, *santamaria@pstu.org.br*

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 104, Centro (48) 3225-6831
floripa@pstu.org.br
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696
agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
www.pstusp.org.br
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL Santo Amaro – Av. João Dias, 1.500 - piso superior
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 - Centro - (14) 227-0215
bauru@pstu.org.br
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3235-2867 - *campinas@pstu.org.br*
FRANCO DA ROCHA - R. Coronel Domingos Ortiz, 423 - Centro
francodarocha@pstu.org.br
GUARULHOS - *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 705 casa 2 Vila Progresso (11) 6441-0253
Av. João Veloso, 200 - Cumbica (11) 3436-8887
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Engenheiro Gualberto, 53 - Centro - (11) 4796-8630
PRES. PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 11 Casa 5 - Jd. Caiçara - (18) 3903-6387
RIBEIRÃO PRETO - Rua Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos (16) 3637.7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Mal. Deodoro, 2261 - Centro (11) 4339.7186
saobernardo@pstu.org.br
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
sjc@pstu.org.br
CENTRO - Rua Sebastião Humel, 759 (12) 3941.2845
ZONA SUL - Rua Brumado, 169 - Vale do Sol
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vl. Carvalho (15) 9129.7865 *sorocaba@pstu.org.br*
SUZANO *suzano@pstu.org.br*
TAUBATÉ - Rua D. Chiquinha de Mattos, 142/ sala 113 - Centro

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b
Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530
aracaju@pstu.org.br

EDITORIAL

UMA VAIA EM NOME DE TODOS NÓS

E o Maracanã vaiou Lula. Longe de ser "uma minoria", como querem os governistas, a vaia foi tão forte que impediu o presidente de falar. Com o discurso nas mãos, Lula ficou paralisado ao ouvir o som que tomava todo o estádio. Vacilou, foi, voltou e acabou recuando.

Um fiasco monumental, inédito na história dos Jogos Pan-Americanos.

Foi por água abaixo uma manobra de R$ 2 bilhões. Esta foi a quantia investida pelo governo federal nos Jogos, com o objetivo de se aproveitar política e eleitoralmente de seus resultados. Agora, o que vai ficar na memória do povo brasileiro é que Lula não conseguiu falar no Maracanã, tomando a maior vaia de um presidente na história desse estádio.

É cedo para tirar conclusões sobre o grau de desgaste do governo Lula perante o conjunto dos trabalhadores do país. Infelizmente, é bem provável que a maioria siga apostando nele. Mas ver Lula ser vaiado assim fortalece muito todos os que lutam.

Mais ainda porque, exatamente no mesmo dia, um ato promovido pela Conlutas, MST e organizações do movimento popular do Rio de Janeiro, protestou contra o governo federal. Utilizando a cobertura de toda a mídia na abertura do Pan, a manifestação marcou posição contra a reforma da Previdência, que está sendo preparada pelo governo federal, e a violência da polícia (apoiada pelo governo estadual do PMDB e por Lula).

Lula começa a sentir o peso do desgaste

Para tentar passar uma imagem de "tranqüilidade" durante os Jogos, a polícia atacou com enorme violência comunidades pobres da cidade, com a desculpa do ataque ao tráfico. Morreram 19 pessoas no Complexo do Alemão, e a maioria não era traficante e foi executada a sangue frio pelas costas.

Os governantes tentaram jogar a população contra o ato, dizendo que era "contra o Pan", em uma manobra vergonhosa. Mas houve um "pequeno" problema: a massa que foi ver a abertura dos Jogos também protestou vaiando Lula. O tiro saiu pela culatra.

Naquele momento, o maior estádio de futebol do país produziu bem mais que uma irreverência carioca. A vaia do Maracanã foi em nome de todos nós.

É como se todos os funcionários públicos federais em greve do país estivessem lá vaiando Lula. Como se os sem-terra que lutam pela reforma agrária se juntassem todos no Maracanã. Como se os estudantes da USP que ocuparam a reitoria por mais de um mês fossem todos para o Rio naquela sexta-feira.

Como se os trabalhadores que querem se aposentar um dia e já conhecem a proposta de reforma da Previdência do governo (que na prática impede a aposentadoria) ocupassem as arquibancadas. Como se os que sabem que Renan Calheiros é corrupto, e que só segue senador porque PT e PSDB também são corruptos, também estivessem lá.

É como se os que não aceitam o assassinato e a identificação da juventude negra dos bairros pobres com bandidos, marcassem um encontro no Maracanã naquela tarde.

Essa vaia vai ficar na história do estádio, assim como alguns dos mais belos dribles de Garrincha e dos gols de Pelé.

OPINIÃO – Diego Cruz, da redação

Projeto do governo avança na privatização do serviço público

O Projeto de Lei Complementar do governo Lula enviado ao Congresso Nacional no último dia 11 avança na privatização e no desmantelamento dos serviços públicos. O documento estabelece o gerenciamento de setores públicos através de fundações privadas, denominadas "fundações estatais". A medida afetaria áreas como ciência e tecnologia, previdência complementar do servidor, cultura, meio ambiente, desporto, comunicação social e saúde.

Pelo projeto, as fundações que venham a administrar essas áreas terão autonomia para realizar licitações e fazer contratações. Os novos funcionários, apesar de serem contratados através de concurso público, serão regidos pela CLT. Isso significa que os novos servidores perderão a estabilidade no emprego, entre outros direitos.

Além disso, a nova situação institucionaliza as repudiadas avaliações de desempenho, antigo mecanismo retomado pelo governo Lula. As avaliações no serviço público servem como instrumento para as chefias pressionarem e assediarem moralmente o servidor, além de ser uma ferramenta de perseguição política contra os funcionários.

Através das fundações, parte do salário dos servidores será atrelado às tais avaliações. O próprio repasse às fundações atenderá critérios de metas e resultados, assim como ocorre na iniciativa privada.

O projeto não é nada mais que a privatização dos serviços públicos. Não à toa, ele foi elaborado justamente no momento em que parte do funcionalismo está em greve. Com o regime CLT, fica mais fácil pressionar, punir e até mesmo demitir o grevista.

A entrevista da coletiva de imprensa que anunciou o projeto foi concedida pelo ministro do Planejamento, Paulo Bernardo, e o ministro da Saúde, José Ramos Temporão, já que uma das maiores áreas afetadas serão os hospitais públicos. Temporão declarou recentemente ser contra a estabilidade no serviço público, culpando os funcionários pelo caos do setor.

O projeto ainda recorre ao mesmo preconceito que possibilitou as privatizações durante a década de 90, ou seja, a idéia de que a iniciativa privada é mais "eficiente" que o setor público e pode trazer melhorias.

Os fatos desmentem esse argumento da grande mídia e do governo. Basta ver o que aconteceu com a telefonia ou, ainda, com a Vasp, modelo de gestão estatal que, após sua privatização, faliu.

Outro argumento diz que o serviço público é corrupto. Não faltam, por outro lado, exemplos de casos de corrupção no setor privado. A fraude na contabilidade da mega-empresa americana Enron é apenas um dos exemplos.

A eficiência nos serviços públicos só será garantida realmente com investimentos e uma política de valorização do servidor, exatamente o contrário do que faz o governo. Já a corrupção, tanto no setor público quanto no privado, continuará existindo enquanto não houver controle dos trabalhadores sobre a direção das empresas e dos serviços do Estado.

CONLUTAS TEM IMPORTANTE RESULTADO EM TAUBATÉ

EMANUEL OLIVEIRA, de São Bernardo dos Campos (SP)

Nos dias 11, 12 e 13 de julho foram realizadas as eleições para o comitê sindical de empresa e a diretoria de base do Sindicato dos Metalúrgicos de Taubaté e Região, em São Paulo. A Conlutas concorreu com três chapas (Chapa 2 – Oposição): na Volkswagen, na Ford e em aposentados. Para eleger diretores, o quorum mínimo é de 33%. Na Volks, a chapa da Conlutas obteve 34,53%, conseguindo eleger oito dos 23 diretores. Na Ford, chegou a 31,77%, um bom resultado. Em aposentados, a Chapa 2 obteve 17,23%.

A campanha se deu em torno dos problemas da categoria, como as reformas neoliberais. A Volks abriu as portas da empresa para o senador Aloizio Mercadante (PT-SP) e o deputado Vicentinho (PT-SP) fazerem campanha para a chapa cutista nas linhas de produção. Houve até foto do presidente Lula abraçado ao líder da chapa da CUT.

A formação das chapas da Conlutas foi uma história de superação dos métodos de intimidação e das mentiras. Há dois meses um grupo de trabalhadores se reuniu na Conlutas e definiu a participação nas eleições. Durante esse tempo, foram realizadas dezenas de reuniões com ativistas e editados vários boletins.

INTIMIDAÇÃO E MENTIRAS

Faltando três semanas para a eleição, a direção do sindicato forjou um atentado dizendo que a chapa de oposição havia jogado uma bomba na sede da entidade. O objetivo era jogar a categoria contra a oposição. Não satisfeita, a diretoria forçou um novo incidente. Desta vez, foram cinco disparos contra o carro do sindicato. As mentiras ficaram evidentes para os trabalhadores.

Das cinco chapas formadas pela Conlutas, só restaram três, devido à pressão e intimidação do sindicato e da direção da empresa. O repúdio do trabalhadores ficou evidente na apuração, pela quantidade de votos nulos.

Oposição Metalúrgica tem importante avanço em Taubaté

Um grupo de trabalhadores travou um duro combate na Ford contra a chapa da Articulação. As ameaças de demissões foram constantes. Foram debatidas as reformas do governo e a prática dos diretores do sindicato de empregarem seus parentes na empresa.

Na Volks foi feita uma campanha contra a flexibilização da jornada e dos salários. Também foi denunciada a parceria entre o sindicato e a empresa. Não faltaram agressões físicas por parte da chapa da CUT aos candidatos da Chapa 2. Com os aposentados não foi diferente, só que as ameaças de demissões eram contra os filhos dos companheiros.

A campanha realizada pela chapa da CUT contou com milhares de camisetas, canetas e táxis à disposição, além de churrascos e bebidas pagos pelo sindicato. Foram gastos mais de R$ 200 mil. Enquanto isso, a campanha da oposição recebia ajuda de alguns sindicatos e os próprios trabalhadores pagavam as suas camisetas.

APURAÇÃO DOS VOTOS

Na apuração foi visível o desconforto do presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, José Lopes Feijóo, quando foi anunciado o resultado de oito vagas para a oposição na Volks. A notícia chegou após o susto na Ford, onde por apenas 17 votos a Chapa 2 não fez quatro dos 11 diretores eleitos.

"*Ficou a certeza de que a Conlutas na região plantou uma semente que será regada e crescerá forte e vigorosa*", afirmou Santana, da chapa dos aposentados.

PETROLEIROS

LUTA CONTRA O GOVERNO MARCA CONGRESSO DOS PETROLEIROS

AMÉRICO GOMES, da direção Nacional do PSTU

Havia um certo clima de euforia entre os 116 delegados e mais de 30 convidados e observadores credenciados na abertura do I Congresso Nacional dos Petroleiros, convocado pela Frente Nacional dos Petroleiros (FNP). Não era para menos. Em apenas 11 meses de existência, esta nova organização que nasceu de um racha da Federação Única dos Petroleiros (FUP/CUT) já havia participado de muitas lutas e conquistado importantes vitórias.

CONGRESSO ANTIGOVERNISTA

De acordo com Clarkson Araújo, da coordenação do Sindipetro AL/SE, "*o congresso aprovou continuar a luta contra o governo Lula e os ataques da empresa, no sentido de se consolidar como uma alternativa de direção dos petroleiros. A discussão política encarou de maneira fraternal o debate entre as diferentes posições, havendo delegados que ainda não romperam com o governo e com a CUT, assim como delegados da Intersindical, da Conlutas e independentes*".

O caráter antigovernista ficou explícito em resoluções como: "*Contra a política econômica do governo Lula*"; "*Contra as reformas neoliberais (previdenciária, sindical, trabalhista, universitária e tributária) do governo, que congela salários e favorece os investimentos dos empresários e banqueiros*"; "*Em defesa do direito de greve, agora ameaçado pelo governo Lula.*" Outras resoluções diziam: pela reestatização da Vale do Rio Doce e demais empresas privatizadas, contra a criminalização dos movimentos sociais e em apoio à reforma agrária.

Também foi aprovado todo o calendário de mobilizações do Fórum Nacional de Lutas e a participação no Seminário contra a Reforma da Previdência convocado pela Conlutas para o dia 7 de agosto.

Além disso, o congresso se posicionou de forma unânime contra a ocupação militar no Haiti. Outra resolução foi a participação em agosto da reunião preparatória do encontro internacional também impulsionado pela Conlutas.

No campo específico dos petroleiros foram aprovados: a pauta histórica; a luta contra o Plano de Cargos e Avanço de Carreira (PCAC) e ampliação do mesmo para todos os trabalhadores de subsidiárias (Transpetro, Braspetro, Petroquisa, etc); campanha de anistia, primeirização e isonomia; abrir a discussão na base pelo fim da remuneração variável (PLR).

ALTERNATIVA DE DIREÇÃO

Também foi aprovada a construção da FNP como uma nova entidade nacional dos petroleiros. Para avançar nesta resolução foi decidida a realização de um "seminário das oposições" em agosto, no Rio de Janeiro, além de um "seminário nacional da FNP sobre concepção de atividade sindical e combate à burocratização", ainda em 2007.

O congresso aprovou também a orientação que seus sindicatos abram o debate sobre a filiação a uma central, com a participação na discussão da CUT, Conlutas e Intersindical. Reconheceu a Intersindical e a Conlutas como novas alternativas e o Fórum Nacional de Mobilização como um instrumento importante para a construção de lutas unitárias.

CONLUTAS SE DESTACA

Dos 116 delegados inscritos, cerca de 50 estavam com a Conlutas, entre eles vários jovens, que participaram ativamente. Eram delegados dos sindicatos do Pará/Amazonas e de Sergipe/Alagoas, cujas direções são ligadas à Conlutas. Havia também uma importante delegação do Rio de Janeiro e delegados de oposições do Unifica de São Paulo, Norte Fluminense, Minas Gerais, Paraná e Bahia.

CAMPANHA PELA REESTATIZAÇÃO DA VALE VAI ÀS RUAS

PLEBISCITO será realizado na Semana da Pátria e terá questão sobre a reforma da Previdência"

***DIEGO CRUZ**, da redação*

A campanha nacional pela reestatização da Companhia Vale do Rio Doce e contra a reforma da Previdência ganham novo impulso com a preparação do plebiscito popular sobre a privatização da empresa. Em todo o país, sindicatos, movimentos sociais e populares, além de partidos de esquerda, organizam o próximo passo da campanha pela anulação do leilão de uma das maiores mineradoras do mundo. A votação será realizada na Semana da Pátria, de 1º a 7 de setembro, durante o Grito dos Excluídos.

O plebiscito foi definido durante a plenária nacional da Assembléia Popular, realizada nos dias 16 e 17 de junho em Brasília. A plenária reuniu amplos setores do movimento sindical e popular, como Jubileu Sul, Conlutas, Intersindical e MST. Este último, inclusive, aprovou a data em seu congresso em junho como uma das principais lutas para o segundo semestre de 2007.

A votação deverá repetir a grande participação dos outros plebiscitos realizados pelos movimentos sociais. Em setembro de 2000, o plebiscito sobre a dívida pública recolheu mais de seis milhões de votos contra o pagamento de juros aos banqueiros. Dois anos depois, mesmo com o boicote do PT e o então candidato Lula afirmando que não iria "brincar de fazer plebiscito", a campanha contra a Alca conseguiu mais de 10 milhões de votos contra o acordo de livre comércio.

PRIVATIZAÇÃO FRAUDULENTA

O principal objetivo da campanha é denunciar a fraude da privatização da Vale do Rio Doce, leiloada em 1997 pelo governo FHC. Na época a empresa foi vendida por R$ 3,3 bilhões, enquanto seu patrimônio era calculado em R$ 92,6 bilhões.

A Vale foi incluída por FHC no Programa Nacional de Desestatização, criado por Collor em 1990. Ao contrário do que o governo afirmava, a empresa estava longe de dar prejuízo ou ser um mero fardo para o Estado. Já nos anos 90, a empresa era a maior mineradora do mundo, com U$ 6 bilhões de lucro apenas em 1995 – sendo 55% do mercado externo. Só em 2005, os lucros da então estatal representaram 14% do superávit da balança.

Através de uma ampla campanha de mídia, o governo FHC tentou ganhar o apoio da população para as privatizações e para a venda da Vale em especial. Além de quitar a dívida pública, o tucano chegou a afirmar de forma cínica que os recursos do leilão seriam revertidos em melhoras nos serviços públicos. *"Para você, que precisa de casa para morar, de educação, de melhor atendimento de saúde e de segurança. Vendendo a Vale, nosso povo vai ser mais feliz, vai haver mais comida no prato do trabalhador"*, disse na época.

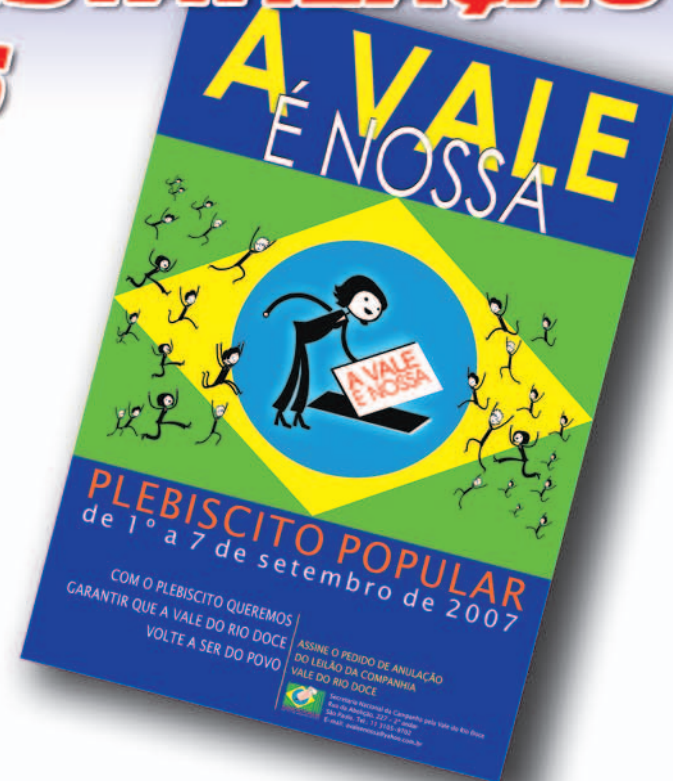
Porém, além de destruir ainda mais os serviços públicos, o governo FHC aumentou o endividamento. Em 1995 a dívida interna somava R$ 60 bilhões. Ao final do governo tucano, estava em R$ 687 bilhões. Já a dívida externa do país estava em R$ 148 bilhões na metade da década de 90. Ao término do mandato de FHC, ela chegava a R$ 276 bilhões, ou seja, o dinheiro da venda da Vale se evaporou no pagamento de juros da dívida, que continuou crescendo.

Após a privatização, os lucros da empresa cresceram exponencialmente. O lucro acumulado entre 1998 e o primeiro semestre de 2006 soma nada menos que R$ 32 bilhões. Só no ano passado, a empresa teve resultado recorde, lucrando R$ 13,4 bilhões.

CAMPANHA TEM RESPALDO

Dez anos após o leilão, muita coisa mudou na consciência da população. A propaganda pró-privatização foi por água abaixo e os trabalhadores fizeram a experiência com a política neoliberal, que resulta em desemprego e piora dos serviços públicos. Não foi por outro motivo que Lula, apesar de continuar e aprofundar a lógica privatista do PSDB, através das PPP's (Parcerias Público-Privadas), realizou sua campanha eleitoral em 2006 atacando as privatizações do governo tucano.

Pesquisa de opinião realizada em maio sob encomenda do DEM (ex-PFL) mostrou claramente essa realidade. De 2 mil pessoas entrevistadas, 50,3% disseram ser favoráveis à reestatização da Vale do Rio Doce. Apenas 28,2% dos entrevistados se mostraram contrários. A pesquisa evidentemente não foi amplamente divulgada.

Isso mostra a possibilidade de a campanha ganhar as ruas, impulsionando inclusive outras lutas. Nas quatro perguntas do plebiscito há questões sobre a dívida pública e a reforma da Previdência do governo Lula. O resultado da votação deverá ser computado na plenária da Assembléia Popular nos dias 22 e 23 de setembro e entregue ao governo em outubro.

PRIVATIZAÇÃO NÃO VALE!

A preparação nos estados segue a todo vapor. Só em São Paulo, 100 mil jornais da campanha estão sendo impressos e distribuídos. *"Um plebiscito popular é sempre uma oportunidade de promover o debate sobre temas importantes para o país, como a luta pela anulação da privatização da Vale, a política econômica que desvia recursos das áreas sociais e a reforma da Previdência, que retira direitos dos trabalhadores"*, afirma Paulo Pedrini, da Pastoral Operária Metropolitana de São Paulo, uma das organizadoras do Grito dos Excluídos.

PERGUNTAS DO PLEBISCITO

- **1 –** Você concorda que a Companhia Vale do Rio Doce, patrimônio construído pelo povo brasileiro e privatizada em 1997, deva continuar nas mãos do capital privado?
- **2 –** Você concorda que o governo continue priorizando o pagamento dos juros da dívida pública deixando de investir em trabalho, saúde, educação, moradia, saneamento, reforma agrária, água, energia, transporte, ambiente saudável?
- **3 –** Você concorda que a energia elétrica continue sendo explorada pelo capital privado, com o povo pagando até oito vezes mais que as grandes empresas?
- **4 -** Você concorda com a proposta de reforma da Previdência que retira direitos dos trabalhadores da aposentadoria.

SAIBA MAIS — EMPRESA FOI CRUCIAL PARA INDUSTRIALIZAÇÃO

A Companhia Vale do Rio Doce foi fundada em 1942 durante o governo Vargas. A empresa foi inaugurada com o apoio dos EUA e da Inglaterra, que tinham como objetivo comprar minério do Brasil para a produção de armas.

Nas décadas seguintes, ela alimentou as siderúrgicas nacionais. Já nos anos 60, a mineradora começou a exportar para Japão e Alemanha.

Nos anos 70, a Vale já era uma das maiores mineradoras do mundo. Incluída no Programa de Desestatização em 1995, só dois anos depois FHC conseguiu vendê-la, tendo que enfrentar uma enxurrada de protestos e ações judiciais. Para concretizar o leilão, o governo tucano reprimiu duramente as manifestações contrárias à privatização.

O OUTRO LADO DOS JOGOS PAN-AMERICANOS

Desde o dia 13, boa parte da população está acompanhando a realização dos Jogos Pan-Americanos. Mas o evento está longe de ser apenas um momento da consagração esportiva. Já nos seus preparativos, os Jogos foram marcados por denúncias de remoção e despejo de moradores, repressão e muita corrupção. A milionária festa de abertura da 15ª edição dos Jogos, que custaram cerca de R$ 1,8 bilhão aos cofres públicos, pretendia esconder as sangrentas ações policiais nas favelas cariocas – com fartas denúncias de matança de inocentes –, além da corrupção que envolve as obras. Mas a verdade é que o evento está mostrando todas a mazelas sociais do país, com mais clareza do que nunca.

VAIAS PAN-AMERICANAS

***JEFERSON CHOMA**, da redação*

A pomposa festa de abertura do Pan reuniu, segundo os organizadores, cerca de 90 mil pessoas no monumental estádio do Maracanã. Dezenas de autoridades estavam presentes, como o prefeito e o governador do Rio de Janeiro, e o presidente Lula. Todos querendo colher as glórias políticas do evento.

Mas algo fugiu ao roteiro oficial: as vaias para Lula. Apesar de toda demagogia, parece que o presidente não pegou carona na beleza da abertura dos Jogos. Bastava ser anunciado no microfone ou surgir com a sua imagem no telão do estádio para que o público o vaiasse de forma retumbante. Ao todo, Lula recebeu seis vaias e passou pelo constrangimento de ser o primeiro chefe de Estado a não fazer a abertura oficial dos Jogos. A cena final mostrou o presidente, com um papel na mão, pronto para declarar o Pan oficialmente aberto. Mas, diante das vaias, o presidente do COB (Comitê Olímpico Brasileiro), Carlos Arthur Nuzman, retomou o microfone e poupou Lula de um novo constrangimento, fazendo ele mesmo a declaração de abertura.

Nunca um presidente havia sido vaiado por um Maracanã lotado. Absolutamente surpreso, Lula teve que ouvir aquelas vaias geralmente dedicadas a um jogador mau caráter e a gatunos juízes de futebol.

Não demorou muito para que os puxa-sacos do governo tentassem explicar as vaias pan-americanas. "*Achei que as vaias foram orquestradas. Era só observar de onde vinham*", disse o ex-presidente da UNE e atual ministro do Esporte, Orlando Silva (PCdoB). Já o partido do ministro formulou uma desculpa ainda mais absurda, dizendo que as vaias foram para os atletas dos Estados Unidos. Vexame total.

Os puxa-sacos possivelmente vão tirar da cartola novas desculpas para defender Lula. Fazem isso para esconder que a máscara do presidente está caindo e o governo começa a sentir o peso do desgaste.

FERNANDO PILATOS/AE

Lula surpreende-se com as vaias de 90 mil no Maracanã

Corrupção: uma modalidade à parte no Pan

A corrupção tornou-se quase uma modalidade à parte dos Jogos. As autoridades justificam os gastos dizendo que o evento teria que ser feito de qualquer forma para "*o país não passar vergonha*".

Devido à roubalheira, o orçamento para os Jogos Pan-Americanos custou oito vezes mais do que as estimativas iniciais. Somente a obra do "Engenhão", orçada inicialmente em R$ 73 milhões, terminou custando mais de R$ 400 milhões. O que lhe rendeu o apelido de "Roubalhão", dado por um jornalista esportivo.

No total, foram gastos pelos governos federal, estadual e municipal cerca de R$ 5 bilhões com o evento. Um valor quase 20 vezes superior ao que foi gasto na última edição dos Jogos, em Santo Domingo.

As obras do Pan esbanjaram desperdício e tornaram-se símbolos da desigualdade social que impera no país. Estes recursos poderiam financiar a construção de mais de 150 mil casas populares e o investimento em áreas sociais, saúde, educação e geração de mais empregos. E as obras nem mesmo servirão para o desenvolvimento do esporte no país. Terminado o Pan, muitas delas não terão uso integral e arenas, piscinas e quadras milionárias ganharão a ociosidade.

Pan, pan, pan, boom!

O evento também está sendo utilizado como pretexto para uma nova política de repressão. Não foram coincidência as ações da polícia nas favelas do Complexo do Alemão, que mataram 50 pessoas e deixaram mais de 70 feridos. A repressão é estimulada pelo governo estadual com a chamada "promoção por bravura". Trata-se de uma lei que concede gratificações salariais para policiais que demonstrem "bravura". Na prática, estes benefícios têm sido utilizados para recompensar policiais que assassinaram suspeitos de crimes, independentemente das circunstâncias.

Entre as vítimas das ações policiais, está o jovem esportista e jogador de futebol Leandro da Silva David, de 16 anos. Ele foi baleado dentro de casa quando tomava café da manhã. A irmã do garoto, Jane da Silva David, acusa a polícia pelo assassinato. "*Ele foi atingido por balas de fuzil da Polícia Militar. As pessoas acham que todo mundo é vagabundo, traficante, mas aqui também tem morador*" disse ela, indignada.

Ao contrário do que diz o governo, o objetivo das ações policiais no Rio não é apenas combater narcotraficantes, mas também reprimir a população de acordo com uma política de higienização da cidade. Isso significa que o plano considera toda a população da comunidade ocupada como uma força hostil e, portanto, alvo da repressão. Os civis inocentes assassinados em tais operações passam a ser considerados "danos colaterais" inevitáveis, como disse o governador do Rio, Sérgio Cabral (PMDB).

Esse modelo é uma cópia do que as tropas brasileiras fazem na ocupação do Haiti, onde soldados invadem e ocupam favelas, deixando rastros de sangue e destruição.

Por outro lado, a grande imprensa aplaude a repressão da população pobre e realiza uma sistemática campanha para ganhar o apoio do setor da população mais amedrontado com a criminalidade.

Lula já anunciou que pretende estender as ações de repressão para outras localidades. Além de manifestar apoio à chacina no Alemão, dizendo que não se combate o crime com "pétalas de rosa", o presidente anunciou que as ações no Rio inauguram o novo modelo de repressão para todo o país. O chamado PAC da Segurança anunciado pelo governo prevê a ocupação de comunidades pela Força Nacional de Segurança em várias partes do país.

Onze regiões metropolitanas receberiam as tropas num primeiro momento. A força nacional reforçada atuaria nas periferias de São Paulo (SP), Vitória (ES), Belém (PA), Recife (PE), Maceió (AL), Salvador (BA), Porto Alegre (RS), Curitiba (PR) e Brasília (DF).

A SITUAÇÃO DO ESPORTE NACIONAL

Do ponto de vista esportivo, os Jogos podem proporcionar belos momentos e empolgantes disputas entre os países do continente. Mas o Pan-Americano não é utilizado como um momento de celebração da busca pela perfeição humana, resultante da dedicação dos atletas aos treinos, habilidade técnica e superação dos próprios limites. Há outras coisas em jogo.

O evento foi limitado à busca por alto rendimento e muitos negócios, proporcionados por obras superfaturadas e pelo milionário mercado publicitário. Novamente existe um intenso bombardeio da mídia para criar um clima de ufanismo nacionalista no país. O governo Lula e a grande imprensa fazem grande estardalhaço sobre as chances do país nas competições, além de tentar mostrar algo que mais parece uma piada de mau gosto: nossos governantes seriam "competentes" para organizar grandes eventos esportivos, como as Olimpíadas ou a Copa do Mundo.

Todo esse "otimismo" contrasta com a situação esportiva do país, que não escapa dos graves problemas sociais e econômicos. O que explica nossos pífios resultados em competições internacionais.

A miséria que vitima grande parte da população impede o desenvolvimento do esporte nacional. Na periferia e nas escolas públicas, jovens vivem sem nenhuma prática esportiva. A ausência de políticas e investimentos públicos no setor deixa nossos atletas sujeitos ao patrocínio privado, que, respeitando a lógica de mercado, só investe dinheiro quando há "garantia de retorno". Apenas atletas que já provaram sua capacidade como garotos-propaganda de suas marcas conseguem sobreviver do esporte.

Um retrato dessa realidade é Diogo Silva, lutador de taekwondo que conquistou a primeira medalha de ouro do Brasil nos Jogos do Rio. O atleta vive hoje com R$ 600 mensais da Confederação Brasileira de Taekwondo, que, segundo ele, "*costuma atrasar o pagamento de três em três meses*". Diogo ficou conhecido por fazer o gesto dos Panteras Negras, numa premiação olímpica em 2004.

Em Cuba, por exemplo, o investimento do Estado no desenvolvimento do esporte (uma conquista da Revolução Cubana) proporcionou a seus atletas a conquista de rendimentos bem superiores aos do Brasil, inclusive em Jogos Pan-Americanos.

O esporte brasileiro ainda sofre com a corrupção e a ganância de seus dirigentes. O Comitê Olímpico Brasileiro é nada mais que uma entidade/empresa, cuja finalidade é organizador mega-eventos desportivos com o intuito obter lucro. Seu objetivo está longe de ajudar no desenvolvimento do esporte nacional.

Outro exemplo é o futebol. Há verdadeiras quadrilhas se encastelaram no comando e controle do esporte no país. Nomes como Ricardo Teixeira, presidente da CBF, e Eurico Miranda, presidente do Vasco, costumam circular com a mesma desenvoltura em páginas policiais e cadernos esportivos.

Na verdade, o que se passa com o esporte no Brasil tem a ver com o que ocorre em outros setores da vida social dominados pelo capitalismo. Este sistema se apropria de toda criatividade humana - nas ciências, nas artes e nas tecnologias - e trabalha com a manipulação para preservar a exploração e o lucro dos grandes capitalistas.

Independente do número de medalhas que o Brasil conquiste neste Pan, a situação do esporte não vai mudar estruturalmente. Isso porque o caminho para o desenvolvimento esportivo passa por investimentos em educação, alimentação e saúde. Algo que só poderá ser conquistado se houver uma ruptura com o imperialismo (como houve no passado em Cuba) e a implementação de uma política econômica dos trabalhadores.

DIVULGAÇÃO

PANCADA - A 1ª medalha de ouro do Brasil não saiu do jeito que a cartolagem do esporte nacional queria. Diogo Silva conquistou medalha de ouro para o Brasil no Pan-Americano no taekwondo. Na premiação, ele atacou duramente o governo federal e o COB pela falta de apoio ao esporte. Nenhum deles esteve presente na premiação. Diogo ficou conhecido por conquistar o quarto lugar na Olimpíada de 2004, quando em protesto ergueu os punhos, numa saudação simbólica aos Panteras Negras. Como no caso das vaias à Lula, a conquista da primeira medalha do Brasil no Pan representou uma dura pancada no governo e nos cartolas.

Protesto contra reformas na abertura do Pan

***YARA FERNANDES**, do Rio de Janeiro (RJ)*

No dia da abertura dos Jogos Pan-Americanos foi realizado um protesto no Rio de Janeiro. O Ato Nacional de Luta reuniu mais de mil pessoas em frente à prefeitura da cidade.

O bancário Cyro Garcia, dirigente do **PSTU**, apresentou as reivindicações do movimento. "Este ato não é contra o Pan ou contra os atletas do Pan, mas contra as maracutaias do Pan, as obras superfaturadas", disse. "*É um ato em defesa do direito dos trabalhadores, contra as reformas, em apoio às greves que estão acontecendo*".

A retirada de direitos pelas reformas neoliberais do governo Lula foi duramente atacada. "*A política econômica deste governo tem privilegiado os banqueiros e as reformas que retiram direitos. Temos o desafio de construir as lutas, pois só com luta unitária conseguiremos as transformações*", disse Lívia, militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST).

O massacre do Complexo do Alemão, que deixou pelo menos 19 mortos no último dia 26 de junho, também foi lembrado. Por volta das 14 horas, os manifestantes deixaram a concentração e realizaram uma passeata em direção à Cinelândia.

Durante a caminhada, os ativistas gritavam palavras-de-ordem contra a retirada de direitos, a corrupção e a violência. "*É ou não é piada de salão? Tem dinheiro para o Pan, mas não tem pra educação!*", entoavam.

SOLIDARIEDADE DO HAITI

Minutos antes da saída da passeata, Cyro Garcia abriu uma bandeira do Haiti em cima do carro de som. Neste momento, Antonio Donizete Ferreira, o Toninho, um dos coordenadores da Caravana ao Haiti, leu uma carta enviada pelo grupo Batay Ouvriye, em que a organização repudia a ação policial nas favelas do Rio.

A presença de distintas organizações e entidades no protesto confirma a continuação da unidade que vem sendo construída para lutar contra os ataques do governo Lula aos trabalhadores. Segundo as falas dos militantes, este foi mais um importante passo de uma luta em curso. O movimento demonstrou disposição em continuar mobilizado até que sejam derrotados todos os ataques.

EM UMA POLÊMICA É MELHOR USAR ARGUMENTOS

EDUARDO ALMEIDA,
da redação

Existe uma discussão apaixonante sobre a retirada da concessão da emissora RCTV na Venezuela, que pode enriquecer a vanguarda de toda a América Latina.

No entanto, qualquer polêmica deve ser feita com argumentos. Infelizmente ainda sobrevivem os métodos do stalinismo, que envenenam conscientemente qualquer discussão. Gilberto Maringoni, militante do PSOL, usou essa postura em uma carta polêmica conosco. O texto de Maringoni foi assumido alegremente pelo PCdoB (o modelo stalinista no Brasil) em uma matéria assinada por Altamiro Borges (na íntegra em nosso site).

O stalinismo introduziu uma metodologia do "vale tudo" para desmoralizar as posições adversárias, desde a calúnia até o amálgama de posições. Para calar os críticos ao "grande irmão Stalin", se erguia uma campanha de calúnias ligando os que se opunham à burguesia e ao imperialismo. Trotsky e todos os dirigentes da Revolução Russa foram apresentados como aliados do imperialismo nos famosos Processos de Moscou. Criava-se uma cortina de fumaça que tornava desnecessário rebater os argumentos e entrar na discussão política. A história comprovou a falsidade das acusações stalinistas.

Agora Maringoni e o PCdoB usam a mesma metodologia: se estamos contra o grande irmão Chávez, é porque estamos do lado da revista Veja e dos "setores mais reacionários da burguesia e do imperialismo". É interessante lembrar que o PCdoB usou exatamente o mesmo argumento para atacar os que denunciavam a corrupção no governo Lula como *"aliados da direita e do imperialismo"*. No escândalo atual, esse partido chega ao ridículo de defender Renan Calheiros, dizendo que tudo não passa de deturpação da imprensa de direita para desestabilizar Lula.

O ALINHAMENTO INCONDICIONAL A CHÁVEZ

Por trás da discussão sobre a RCTV está a atitude do PCdoB e de Maringoni perante o governo Chávez, que estaria, segundo eles, *"na linha de frente da luta antiimperialista"*.

É verdade que Chávez faz ataques verbais a Bush. Mas qualquer marxista sério toma em conta os atos e não só as palavras dos governantes.

Chávez é um aliado estreito dos governos europeus, que também são imperialistas. O governo venezuelano segue pagando religiosamente a dívida externa e manteve a exportação de petróleo para os EUA, mesmo durante a invasão do Iraque. A nacionalização do petróleo mantém a associação do Estado venezuelano com as multinacionais petroleiras, que ficam com 40% da produção e têm lucros gigantescos na Venezuela. Esta é a "vanguarda" da luta antiimperialista em todo o mundo?

VELHAS TEORIAS DO STALINISMO

Maringoni e Altamiro usam não só a metodologia stalinista, mas também suas teorias, como a dos "campos progressivos", citada logo na abertura da carta de Maringoni. Segundo a tese, seria correto apoiar um governo burguês e ser parte de seu "campo progressivo", contra o "campo reacionário".

O problema é que a sociedade se divide em classes e não em "campos". E os governos burgueses (incluindo todos os apoiados pelo stalinismo) foram e são contrários às revoluções operárias. Quando as mobilizações ameaçaram a burguesia, os governos burgueses "progressivos" reprimiram as lutas. Na revolução espanhola de 1936, o PC apoiou a repressão contra a insurreição operária de Barcelona, derrotando-a, o que acabou levando à vitória do fascismo de Franco.

Não é por acaso que nem Maringoni nem Altamiro fazem qualquer menção à recente greve geral de Arágua, um estado venezuelano que parou em protesto contra a repressão do governo Chávez à marcha da fábrica ocupada Sanitários Maracay. São "reacionárias" também essas mobilizações operárias, porque se chocam com Chávez? Esta paralisação não foi noticiada na imprensa chavista, tão elogiada por eles.

O outro argumento muito utilizado pelos stalinistas é a "ameaça de golpe". Assim, tentam evitar qualquer ação independente das massas, levando às inevitáveis derrotas articuladas por esses governos burgueses.

O imperialismo já tentou um golpe militar na Venezuela, que foi derrotado pela ação heróica do povo em 2002. Naquele momento, o fechamento das emissoras de TV golpistas seria absolutamente correto, como medida de defesa militar. Isso foi reivindicado pelo movimento de massas e apoiado por nós naquela ocasião, mas Chávez não aceitou.

Não é verdade que a ameaça de golpe siga existindo. Houve uma mudança na política do governo norte-americano depois da derrota do golpe de 2002. Bush passou a conviver com Chávez, buscando desgastá-lo e substituí-lo por outro governo de direita eleitoralmente. Não existe nenhuma conjuntura de preparação de golpe e Altamiro e Maringoni sabem disso.

Além disso, um setor amplo da burguesia venezuelana passou de armas e bagagens para o lado de Chávez, incluindo Cisneros, dono da maior rede de TV privada e um dos principais líderes do golpe frustrado. Não foi uma "tática genial" do presidente a "neutralização" de Cisneros, como defendem Maringoni e Altamiro. Foi exatamente o mesmo tipo de acordo feito pelo governo Lula com a Rede Globo, que rende altíssimos lucros para a família Marinho.

Outros grandes burgueses que hoje apóiam Chávez são Alberto Vollmer, presidente da empresa de rum Santa Teresa, e Luis Van Dam, das Indústrias Metalúrgicas Van Dam. Além disso, o chavismo está gerando a chamada "boliburguesia", a burguesia "bolivariana" a partir do dinheiro desviado do Estado, cuja maior expressão é Diosdado Cabello.

O EPISÓDIO DA RCTV

Chávez fechou a RCTV como parte de uma escalada repressiva contra o movimento operário e um setor da burguesia que não aceitou o acordo com ele.

Não foi por acaso que junto com o fechamento da RCTV tenha vindo a decretação do PSUV como "partido único", rotulando todas as outras correntes do movimento que não aceitassem entrar neste partido como "contra-revolucionárias". Chávez também se declarou categoricamente contra qualquer autonomia sindical. Que dizem sobre isso Maringoni e Altamiro?

Nós defendemos as liberdades democráticas em um Estado burguês porque o movimento de massas necessita delas para se organizar.

Trotsky, no texto reivindicado por nós, se coloca contra o fechamento de jornais da direita mexicana por Cárdenas. E olhem que o então presidente do México tinha uma postura antiimperialista muito mais conseqüente que Chávez, expropriando, por exemplo, todas as empresas petroleiras (sem o acordo feito por Chávez). Trotsky argumentava que as medidas antidemocráticas terminam se virando contra o movimento operário, como agora Chávez já anuncia, com sua postura contrária à autonomia sindical.

Chavez é um governo nacionalista burguês, como foram Perón (Argentina) ou Cárdenas (México). No caso de uma luta concreta contra o imperialismo (como no caso do golpe de 2002 na Venezuela), nós estamos dispostos à unidade com todos, inclusive com Chávez. Mas defendemos a mais absoluta independência dos trabalhadores perante todos esses governos burgueses, como única forma de podermos algum dia caminhar realmente para o socialismo.

A esquerda latino-americana que hoje se associa a Chávez está cometendo um erro grave, assim como os que apoiaram ou ainda apóiam o governo Lula.

De qualquer maneira, convidamos Maringoni e Altamiro a escrever nas páginas de nosso jornal para defender suas posições. Entre outras coisas, porque não somos stalinistas e gostamos do debate.

EVO MORALES REPRIME MINEIROS DE HUANUNI

NERICILDA ROCHA, *de La Paz (Bolívia)*

Na noite do dia 5 de julho, o governo Evo Morales informou que havia enviado mais de 825 policiais para desbloquear as principais rodovias trancadas pelos trabalhadores mineiros de Huanuni e suas esposas.

O governo exigia a suspensão dos bloqueios para negociar. Os mineiros decidiram continuar com o protesto e exigiram a presença de Evo ou de seu vice, que não apareceram.

A resposta do governo foi o envio de tropas da polícia para tirar à força os mineiros. O pânico se apoderou dos moradores e motoristas que estavam nas rodovias. Os policiais lançaram gases lacrimogêneos e entravam armados nas casas dos familiares dos mineiros que vivem no local. Os trabalhadores resistiram e enfrentaram as tropas com suas dinamites. A repressão resultou na prisão de 30 mineiros, 14 feridos e a reabertura da rodovia. Os enfrentamentos fizeram recordar a repressão do governo de Sanchez de Losada em outubro de 2003.

Apesar da repressão, a greve dos mineiros de Huanuni, iniciada em 2 de julho, continua. A assembléia popular do dia 8 aprovou a reivindicação da renúncia dos ministros de Minérios e do Trabalho. O governo disse que "*os mineiros se converteram em um setor que prejudica o país*" com sua greve.

AS RAZÕES DO BLOQUEIO

Os mineiros da empresa estatal Huanuni bloquearam durante três dias a principal rodovia da Bolívia, impedindo o trânsito para Oruro, Potosí, Cochabamba e Santa Cruz, os principais estados bolivianos.

Os trabalhadores exigem o cumprimento de 12 reivindicações, entre elas o monopólio do Estado sobre a comercialização de estanho, aumento salarial e investimento do governo para reativar a mina. O eixo da mobilização é a exigência ao governo do monopólio pelo Estado da mina de estanho de Cerro Posokoni. Os mineiros exigem que não haja mais concessões para exploração de estanho nessa área para o setor privado, sejam empresas transnacionais ou cooperativas. Os mineiros estatais querem evitar a retomada do local pelos cooperativistas, que foi a causa do conflito de outubro do ano passado, quando houve enfrentamentos entre cooperativistas e assalariados em Huanuni.

Somente depois desse conflito o governo resolveu atender a reivindicação dos mineiros estatais e colocar Posokoni sob controle da estatal Corporación Minera de Bolivia (Comibol), e integrar 4 mil trabalhadores cooperativistas à mineradora estatal de Huanuni.

Mas a política do governo foi uma medida parcial. Não se pode solucionar o problema do cooperativismo mineiro na Bolívia empregando apenas 4 mil trabalhadores, num universo de mais de 60 mil cooperativistas. A questão de fundo é que o governo não está desfazendo o que os anteriores governos neoliberais fizeram: a destruição da companhia estatal de minério, e o incentivo e apoio ao setor cooperativista (que possui grandes empresários por trás).

O atual ministro de Minérios declarou ser preciso "*existir os quatro setores da exploração dos minérios: empresas mistas, estatais, privadas e cooperativistas. A estatal Comibol não pode monopolizar nada e o país está aberto aos investimentos estrangeiros*". (La Razón - 1/07).

TODO APOIO À GREVE MINEIRA

Evo está traindo a confiança e o apoio que os trabalhadores depositaram nele. Aos mineiros e demais trabalhadores bolivianos só resta uma lição: não podem confiar em governos, sejam de direita ou ditos populares (governos de colaboração de classe), que estão a serviço da burguesia. Devemos acreditar somente em nossas lutas. Por isso defendemos:

- **Repúdio à repressão do governo!**
- **Todo apoio à greve mineira de Huanuni!**
- **Monopólio estatal sobre a comercialização dos minerais.**
- **Nacionalização dos recursos minerais com exploração, exportação e comercialização a cargo da empresa estatal Comibol e sob controle dos trabalhadores.**

PERU

GOVERNO PERUANO MOBILIZA EXÉRCITO CONTRA GREVE

DIEGO CRUZ, *da redação*

O governo do presidente Alan García, do Peru, iniciou uma brutal repressão à onda de greves que se alastra pelo país. As mobilizações iniciaram com uma greve de professores das escolas públicas contra a Lei da Carreira Pública Magisterial, que estabelece avaliações e demissões dos docentes. Em algumas regiões os professores estão parados desde 18 de junho.

À greve dos professores se juntou a Federação dos Trabalhadores Mineiros e Metalúrgicos, que aprovou paralisação nos dias 10 e 11 de julho. A repressão às mobilizações é brutal. Os mineiros de Casapalca foram duramente reprimidos e quatro trabalhadores foram assassinados. O dirigente mineiro Rony Cueto, da mineradora chinesa Shougang, foi arbitrariamente preso.

A Confederação Geral dos Trabalhadores do Peru (CGTP) anunciou uma jornada de protestos em apoio às reivindicações das categorias mobilizadas. Além dos professores, metalúrgicos e mineiros, também estão em luta trabalhadores da saúde e educação, camponeses e docentes das universidades. Os demitidos pelo governo Fujimori também lutam pela readmissão.

Como afirma nota divulgada pelo Partido Socialista dos Trabalhadores do Peru (PST), seção peruana da LIT, "*estas lutas enfrentam por um lado um governo comprometido em prejudicar as necessidades mais sentidas do povo como saúde, educação e transporte, para não tocar nos interesses das transnacionais e grandes empresas, inclusive destinando vultuosas quantias ao pagamento da fraudulenta dívida externa. Por outro lado, encara uma escalada repressiva da patronal que responde às justas reivindicações dos trabalhadores com demissões arbitrárias e a criminalização das lutas*".

Jornada de lutas do dia 11 de julho

MILITARIZAÇÃO E REPRESSÃO

No último dia 10, uma menina foi morta durante um confronto entre a polícia e professores em greve na região de Abancay. No dia seguinte, o governo mandou as tropas do exército para as ruas, a fim de reprimir os protestos.

O chefe de gabinete do governo, Jorge Del Castillo, anunciou a custódia de "setores públicos estratégicos" do país aos militares por 30 dias. O governo acusa os manifestantes de "terroristas".

Mas isso não foi capaz de intimidar os trabalhadores. No mesmo dia em que os militares saíram às ruas, professores do Sindicato Unitário dos Trabalhadores em Educação do Peru (Sutep) ocuparam o aeroporto da província de San Román.

O PST defende a continuidade das lutas. "Da jornada de luta de 11 de julho devemos ir a uma greve nacional ou à greve geral, como ensinam os povos e sindicatos combativos que optam por esta medida para alcançar seus objetivos", afirma a nota. O partido defende ainda a unificação das lutas e a construção de uma nova direção combativa para os trabalhadores.

Correio Internacional

Publicação da Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI) – www.litci.org

O QUE SIGNIFICAM OS ENFRENTAMENTOS ENTRE HAMAS E AL FATAH?

A situação nos territórios palestinos se agravou com o enfrentamento entre as duas organizações de maior peso. O Hamas tomou o controle da Faixa de Gaza e expulsou as forças do Al Fatah, enquanto o presidente da Autoridade Nacional Palestina (ANP), Mahmud Abbas, máximo dirigente da Al Fatah, deu um verdadeiro golpe de Estado, expulsando o Hamas do governo.

Organizações da esquerda palestina qualificaram esses enfrentamentos como "uma tragédia", chamando o fim das hostilidades e a unidade de ambas as organizações na luta contra Israel. A mesma posição foi sustentada por diversas correntes de esquerda em outros países.

Não há dúvida que esses enfrentamentos enfraquecem a luta do povo palestino por sua liberação. Deste ponto de vista, trata-se efetivamente de "uma tragédia" porque significam um triunfo de Israel e do imperialismo.

No entanto, isso não pode impedir que façamos uma análise mais profunda do que representa hoje cada uma das forças em conflito e assim constatar que uma das organizações (Al Fatah) já não defende os interesses do povo palestino e que sua direção se transformou em agente direto de Israel e do imperialismo. Essa caracterização é central para definir a posição que os revolucionários devem adotar frente ao conflito.

A liberação da Palestina: uma luta histórica

Devemos considerar os atuais enfrentamentos sob uma perspectiva histórica. A resolução da ONU que criou o Estado de Israel em 1948 legalizou a usurpação realizada pelo sionismo de mais da metade do histórico território palestino (55%). Depois de sua criação, Israel invadiu através das organizações armadas sionistas parte do território outorgado aos palestinos e se apropriou de mais 20%, expulsando mais de 800 mil palestinos (um terço da população) e originando o drama dos refugiados. Assim foi criado o enclave imperialista que atuaria como gendarme contra a nascente onda revolucionária antiimperialista árabe, no meio de uma região estratégica por suas reservas petrolíferas. Por isso, desde a criação de Israel o povo palestino e as massas árabes em geral têm a necessidade de lutar pela liberação de sua terra, expulsando o ocupante sionista.

Os acordos de Oslo (1993)

A fundação da Al Fatah por Yasser Arafat na década de 1960 respondia a esta necessidade, expressada em sua consigna "Por uma Palestina Laica, Democrática e Não Racista" e em sua política de lutar pela destruição de Israel. Isso lhe permitiu se transformar na direção das massas palestinas.

Mas na década de 1980 Arafat e Al Fatah abandonaram seu programa, passaram a aceitar a criação de "dois Estados" (israelense e palestino) e começaram a centrar sua política na negociação com o imperialismo. Isso se concretizou com a capitulação aos "acordos de Oslo" (1993). Em troca da duvidosa existência futura deste pequeno Estado palestino, aceitaram a criação da Autoridade Nacional Palestina (ANP), uma superestrutura colonial com uma autonomia muito limitada, similar à dos bantustões da África do Sul na época do apartheid.

A ANP

A partir da criação da ANP nos territórios de Gaza e Cisjordânia, Arafat e a direção da Al Fatah assumem o poder desta reduzida administração e passam a ter um outro caráter: "gerentes autóctones" de uma estrutura colonial. O sionismo aproveita essa capitulação para estender suas colônias em Cisjordânia e Gaza, controlar a água e construir caminhos "somente para judeus" nesses territórios. A vida dos habitantes palestinos se tornou um verdadeiro inferno.

Ao mesmo tempo, em meio a uma corrupção total, os quadros da Al Fatah usavam em seu benefício o orçamento da ANP. Enquanto isso, as massas palestinas sofriam todo tipo de privações. O desgaste do prestígio da Al Fatah entre o povo palestino foi se acelerando.

ABBAS, O HOMEM DO IMPERIALISMO NA PALESTINA

Depois da morte de Arafat (hoje já denunciada como assassinato), a eleição de Mahmud Abbas como seu sucessor acentuou esta dinâmica. Israel começou a construir o "muro da vergonha", separando os territórios, e aproveitou para roubar ainda mais terras palestinas. O imperialismo se dedica a claramente apoiar Abbas como seu agente na Palestina. A direção da Al Fatah chegou a tal ponto em sua colaboração com Israel e o imperialismo que A. Korei (primeiro-ministro durante um período) é dono de uma empresa que vendia grandes quantidades de cimento ao Estado sionista para a construção do "muro da vergonha".

O TRIUNFO ELEITORAL DO HAMAS PÕE EM CRISE OS PLANOS DE OSLO

O imperialismo e Israel tratavam de "legalizar" a situação colonial da ANP através das eleições palestinas. Neste marco se dá a vitória do Hamas nas eleições parlamentares da ANP em 2006. Como dissemos no Correio Internacional 118, este resultado foi uma vitória das massas palestinas contra os planos de Oslo. Ainda que o Hamas seja uma direção burguesa e fundamentalista religiosa, o feito de manter em seu programa o chamado à destruição de Israel fez que as massas palestinas votassem no grupo para repudiar a traição da Al Fatah.

O imperialismo e Israel não reconheceram abertamente o resultado eleitoral e começaram a pressionar para exigir que o novo governo da ANP, dirigido pelo Hamas, reconhecesse Israel e aceitasse a continuidade dos acordos de Oslo. Por isso, restringiram o abastecimento da Faixa de Gaza, bloquearam a ajuda financeira dos EUA e da União Européia (imprescindível para o funcionamento da ANP) e até roubaram o dinheiro dos impostos dos territórios palestinos que são recolhidos por Israel. O objetivo era "derrotar pela fome" o povo palestino e o governo que ele havia eleito.

AS PROVOCAÇÕES DE ABBAS

Abbas, que mantém o cargo de presidente da ANP, trabalhou "desde dentro" para obrigar o Hamas a aceitar a rendição, seguindo o mesmo caminho a que antes o Al Fatah havia recorrido. Abbas já não é simplesmente uma direção burguesa que capitula: se transformou em um agente direto de Israel e EUA dentro dos territórios palestinos, um colaboracionista similar ao que foi o governo de Vichy na França ocupada por Hitler, ou como o de Karzai no Afeganistão de hoje.

A área de segurança de seu governo agora é assessorada pela CIA! Seu homem-chave neste setor, Mohamed Dahlan, construiu um "exército particular" da presidência, com armas fornecidas diretamente pelos EUA – e Israel permitiu que essas armas chegassem. Dahlan também montou em Gaza um dispositivo para realizar ações criminosas, reprimir a população e fazer constantes provocações contra o governo dirigido pelo Hamas. Isso foi gerando uma revolta que levou aos enfrentamentos das últimas semanas.

UM GOLPE BONAPARTISTA

Desde que ganharam a eleição, os dirigentes do Hamas propuseram formar um "governo de unidade nacional" com a Al Fatah. Mesmo depois que se tornou evidente que Abbas estava armando um golpe contra o governo, em conjunto com Israel, o Hamas continuou com este chamado e fazendo negociações através do Egito e da Arábia Saudita.

Até chegou a formar um governo com vários ministros indicados por Abbas. Mas esta coalizão nunca foi aceita pelos EUA, União Européia (alinhada claramente com a posição de Bush) e Israel. Eles iriam boicotar todo governo em que o Hamas estivesse, enquanto esta organização não reconhecesse explicitamente a existência de Israel. Através do cônsul geral dos EUA em Jerusalém, Jacob Walles, e de um emissário especial de inteligência, Keith Dayton, se instrumentou a linha de armar os homens de Abbas para liquidar o Hamas.

AS MASSAS EMPURRARAM O HAMAS A IR MAIS LONGE DO QUE QUERIA

Foi a preparação deste verdadeiro golpe bonapartista, implementado por Abbas e apoiado pelo imperialismo e Israel, que produziu a reação das massas de Gaza e empurrou o Hamas a expulsar deste território os agentes diretos do imperialismo, o aparato militar armado por Dahlan e a polícia da Al Fatah, que, apesar de seu moderno armamento, não brigaram com eficácia. Acreditamos que isso foi um triunfo das massas palestinas porque, apesar da difícil situação em que se encontra hoje a Faixa de Gaza, este território foi liberado do controle de Israel e seus agentes.

Depois da expulsão de seus homens, Abbas culminou seu golpe bonapartista e, desconsiderando o resultado eleitoral de 2006, nomeou um "governo de emergência", encabeçado por Salam Fayyad, ex-funcionário do FMI e do Banco Mundial, que possui dupla nacionalidade palestino-estadunidense. É uma cruel brincadeira com a heróica luta do povo palestino contra o imperialismo estadunidense e Israel.

Este novo fantoche tem uma tarefa: apoiar-se no aparato de Abbas e da Al Fatah, instalado na Cisjordânia, para combater a resistência, retomar Gaza e impor o plano sionista e imperialista de liquidar toda possibilidade de liberação real da Palestina. Para isso, além do aparato repressivo, tratará de utilizar dois fatores. Por um lado, a dificílima situação social e humanitária de Gaza, tratando de derrotá-la pela fome. Por outro, os milhões de dólares que o imperialismo e Israel, agora sim, começaram a entregar nas mãos do novo governo.

DE QUE LADO DEVEM ESTAR OS REVOLUCIONÁRIOS?

A esquerda mundial tem a obrigação de tomar uma posição frente a estes fatos. Para nós, neste conflito, de um lado estão o imperialismo, Israel e seus agentes colaboracionistas; do outro as massas palestinas em luta por sua liberação.

Por isso, não temos dúvidas: estamos categoricamente no campo da resistência, independentemente de quem seja sua direção. Em outras palavras, nos colocamos incondicionalmente no "campo militar" do Hamas. O que isso significa? Que, sem dar nenhum apoio político ao Hamas nem chamar a confiar em sua direção, estamos a favor de sua vitória na batalha contra os colaboracionistas, porque este "campo militar" é hoje o das massas palestinas e sua luta contra décadas de opressão. É a mesma posição que tivemos junto à resistência contra os nazistas e colaboracionistas na Segunda Guerra Mundial ou junto ao vietcong na Guerra do Vietnã.

Ao mesmo tempo, acreditamos ser imprescindível que todas as organizações da resistência palestina nos territórios de Gaza e Cisjordânia, assim como as dos campos de refugiados dos países vizinhos e da diáspora mundial, se unam para não reconhecer o governo fantoche de Fayyad e juntem forças para lutar juntas contra os inimigos externos e internos da causa palestina.

Pelo fim do bloqueio a Gaza

A expulsão dos colaboracionistas transformou Gaza, de fato, em um território palestino independente. Mas esta situação se dá no marco de um gravíssimo quadro socioeconômico, resultado da destruição de sua infra-estrutura (usinas, hospitais, etc.) pelos ataques israelenses e o bloqueio de verbas e fundos por parte de Israel e o governo títere de Abbas. Tanto Israel como Abbas tentam utilizar esta situação para obrigar Gaza a se render por fome.

Por isso a LIT chama a realizar uma campanha internacional, o mais unitária possível, para exigir o fim imediato do bloqueio a Gaza e a entrega de alimentos, medicamentos, eletricidade e todo o necessário para a sobrevivência da população.

A "NEUTRALIDADE" É UM GRAVE ERRO

A Agência Gara informou que duas organizações palestinas de esquerda, a FPLP e FDLP, organizaram uma mobilização "para denunciar a loucura sanguinária em Gaza" (ver páginas www.francepalestine.com e www.rebelión.org).

De acordo com esta informação: "*Tanto a FPLP como a FDLP se pronunciaram chamando o fim do derramamento de sangue e a união dos palestinos... É a questão palestina rechaçando os combates e o conjunto de violências entre Al Fatah e Hamas. Numerosas personalidades nacionais, as instituições da sociedade civil e centenas de cidadãos participaram da manifestação à frente da qual marcharam quadros, partidários e membros das duas frentes. Os manifestantes gritaram consignas que chamavam a unidade nacional e denunciavam todo tipo de divisões, assim como o recurso às armas no seio da Palestina... A FPLP... insistiu na necessidade de um diálogo nacional total e de uma reconsideração das instituições de segurança sobre bases igualitárias e profissionais*".

Não estamos de acordo com este enfoque do conflito. A posição de "parar uma guerra fratricida" seria válida se se tratasse de dois bandos que representassem interesses de setores similares da população, e lutassem por questões secundárias ou pela divisão dos recursos financeiros. Mas este não é o caso atual. O que ocorre hoje nos territórios palestinos é o resultado de uma política de uma direção colaboracionista, que já se rendeu definitivamente a Israel e ao imperialismo e quer liquidar a resistência de quem ainda não se rendeu.

Não se pode analisar os atuais enfrentamentos como uma simples luta de Fatah versus Hamas, como a briga entre duas organizações similares do povo palestino que deveriam se unir em lugar de lutar entre si. É preciso ia fundo da questão: uma destas organizações (Al Fatah) passou ao campo dos inimigos do povo palestino.

Uma vez mais vemos a analogia de quanto os nazistas ocuparam a França e instalaram o "governo de Vichy": a resistência que lutava contra a ocupação tinha que enfrentar não apenas os nazistas, mas também os franceses que colaboravam com eles. Ou quando os EUA ocupavam o Vietnã do Sul e instalou um governo títere em Saigon: a resistência do vietcong atacava tanto as tropas ianques como os soldados e funcionários do governo fantoche. Nestes casos, nenhuma organização de esquerda havia proposto chamar a unidade entre a resistência e os colaboracionistas. Esta é a situação atual da Palestina, a partir da adesão de Abbas e a direção da Al Fatah ao projeto do imperialismo e do sionismo.

A unidade daqueles que querem lutar pela causa palestina é imprescindível para uma possível vitória. Mas chamar a unidade com os colaboracionistas e agentes do inimigo, considerando-os aliados, joga contra essa luta porque confunde as massas palestinas sobre o verdadeiro significado dos atuais enfrentamentos. E esta confusão só serve aos interesses do imperialismo e Israel.

GOVERNOS TÍTERES E PROVOCAÇÕES

A POLÍTICA DO IMPERIALISMO no Oriente Médio

A partir da crise cada vez maior que a política de "guerra contra o terror" no Oriente Médio enfrenta e do fortalecimento das forças da resistência nos distintos países (Iraque, Afeganistão, Líbano, Palestina), o imperialismo tenta uma variante que permita reverter, ou ao menos atenuar, esta crise.

Por um lado, se apóia em forças e dirigentes títeres (alguns o são há tempos, outros são "novos") que atuam como "agentes colaboracionistas". Por outro, impulsiona ou aproveita atentados provocadores para tentar dividir a luta da resistência e fortalecer militarmente seus agentes.

Esta política foi ensaiada inicialmente no Iraque, com o governo títere de Al Maliki e os atentados às mesquitas das diferentes confissões religiosas para aumentar o enfrentamento entre xiitas e sunitas. Agora se estendeu também ao Líbano, onde se apóia no primeiro-ministro Fouad Siniora e no deputado sunita Saad Hariri, filho do ex-primeiro-ministro libanês assassinado, Rafic Hariri.

Recentemente, nos acampamentos palestinos no país, apareceu uma nova organização, a Fatah Islâmica, supostamente ligada à Al Qaeda, realizando atentados em que foram assassinados vários deputados. Estes fatos foram aproveitados pelo exército libanês para lançar uma ofensiva sobre os acampamentos palestinos. Trata-se, evidentemente, de um tipo contra o Hizbollah.

Na Palestina, Mohamed Dahlan parece cumprir ambos papéis. Por um lado é o chefe de segurança do governo títere de Abbas. Por outro, denunciou sua ligação com a CIA e o Mossad (a quem entregava quadros da resistência palestina), a construção de uma força de choque com armas dos EUA para atacar o Hamas e, inclusive, que havia trabalhado com supostos membros da Al Qaeda para realizar atentados em locais turísticos do Egito, buscando que a resposta do povo egípcio isolasse o Hamas e a resistência palestina.